

Rubem Braga

DESENHOS DE CARLOS THIRÉ



Sôbre as môças em flor

As môças em flor são assim. Sêres sem complicação, imagens amáveis da vida, mera paisagem, sem fundo, sem problemas.

Nós, monstros imaginativos é que as vestimos de drama e de mistério. A môça aparece naquela rua; antes dela, milhões de môças passaram; depois, passarão milhões e milhões. Essa verificação seria suficiente para autorizar-nos a permanecer na atitude indu em que nos achávamos, aguardando o fim do universo, diante de uma laranjada. Porém, não sei que diabo interior pega na môça e joga-a na laranjada e faz com que você a beba gole por gole, e a transporte para casa e encha com ela o sonho de sua noite e a encontre amanhã, no fundo do seu sapato, à hora honesta de calçá-lo.

Entretanto, se olhasse bem, você teria reparado que a môça continuou pela rua abaixo, pela

vida abaixo, pela vida abaixo, e tomou um bonde e persignou-se diante da igreja e foi jantar em casa e depois foi para a porta da rua namorar o acadêmico de engenharia, e por último dormiu sem metafísica, com a sua personalidade intacta. Teria observado que ela era apenas um corpo dentro de um vestido, não há dúvida que todos dois muito bonitos, mas sempre corpo e sempre vestido. "A quoi rêvent les jeunes filles?..." Mas, meu pobre Musset, nós é que sonhamos nelas.

O poeta irônico de Cataguases dirá que, então, o recurso é não sonhar mais e dependurar as môças no cabide. Não. O recurso é amá-las. Amai, rapazes! — e, principalmente, amai môças lindas e graciosas; elas "dão remédio ao mal, aroma ao infecto, trocam a morte pela vida"... Conselho do ilustre Machado de Assis, que dessa maneira nos ensinava sutilmente a ir ao fundo de um sentimento, esgotando-o; porque só depois de se ter viajado uma mulher é que se pode escrever-lhe a geografia.



Os diplomandos do Curso de Jornalismo da Faculdade de Filosofia da Universidade (federal) do R. G. do Sul escolheram como paraninfo de sua colação de grau o

cronista Rubem Braga (de MANCHETE). Foram dez os diplomandos de 54, quase todos profissionais de imprensa, entre eles Antônio C. Ribeiro (de MANCHETE).

DISCURSO

aos jovens da primeira turma de bacharéis em jornalismo da Universidade do Rio Grande do Sul:

"Depois de 15 anos de ausência vejo que a vossa bela cidade mudou muito; e mudaram os tempos; mas não mudou, graças a Deus, o espírito de vossa gente. Se quereis dar a esta homenagem um sentido de desagravo a um jornalista que chegou prêso ao Rio Grande e daqui saiu prêso, eu vos direi: não era preciso. Da gente do povo e da gente de jornal do Rio Grande do Sul nunca recebi nenhum agravo; o que sou é um velho devedor de vossa simpatia e generosidade.

Quando o navio que me trazia chegou a este pôrto, em 1939, não havia apenas a polícia me esperando. Havia também um amigo — um homem que sabia que eu seria prêso e que ele próprio também iria pagar na polícia se me levasse o seu abraço. Esse homem sabia de tudo, e foi me saudar na chegada, e foi prêso comigo. Esse homem era um jornalista: Carlos Reverb. Aqui vivi alguns meses, no convívio fraterno, viril e delicado de vosso povo. E ao fim desses meses, quando passei uma semana detido na polícia, à espera do navio em que deveria ser expulso, eu recebi, comovido, as melhores provas de solidariedade moral e material de meus colegas e de meus chefes do "Correio do Povo" e da "Fôlha da Tarde". E mais. Na hora do embarque não vi apenas os companheiros de redação. Houve também um homem do govêrno, em quem as atribuições oficiais não abafaram o sentimento de liberdade do escritor e do jornalista. Esse homem arriscou o seu cargo para me dar um abraço; para me dizer, diante do espanto dos honrados tiras que me cercavam, que desejava sair em uma fotografia a meu lado; para que se não dissesse jamais que um jornalista livre fôra expulso do Rio Grande do Sul sem que, mesmo em plena ditadura, houvesse, dentro do govêrno gaúcho, alguém que lançasse um protesto formal. Esse homem também está aqui: é MANOELITO DE ORNELLAS.

Estais vendo, meus jovens paraninfados, que em vossa terra eu não dou, eu recebo lições de liberdade e altivez.

E vós mesmos estais dando, neste momento, aos jornalistas de todo o Brasil, uma lição de outro tipo, mas também importante e séria. Ao entrardes para este curso, há três anos, já ereis quase todos, jornalistas profissionais, e alguns já possuíam outro diploma de curso superior. O que hoje recebeis não vos dá nenhuma vantagem material, não abre o caminho a nenhuma posição, nem melhora em coisa alguma vossa carreira profissional. Viestes estudar pelo amor ao estudo; pela consciência de que sempre há muito que aprender; e vosso gesto possui aquela humildade de espírito que é a marca superior da inteligência. Trinta e dois foram os candidatos ao vestibular, vinte e quatro os que cursaram o 1.º ano e apenas 9 receberam diplomas hoje. Isto mostra que os vossos professores também souberam prestigiar com seu rigor este jovem curso e com ele a Faculdade de Filosofia e a Universidade do Rio Grande do Sul.

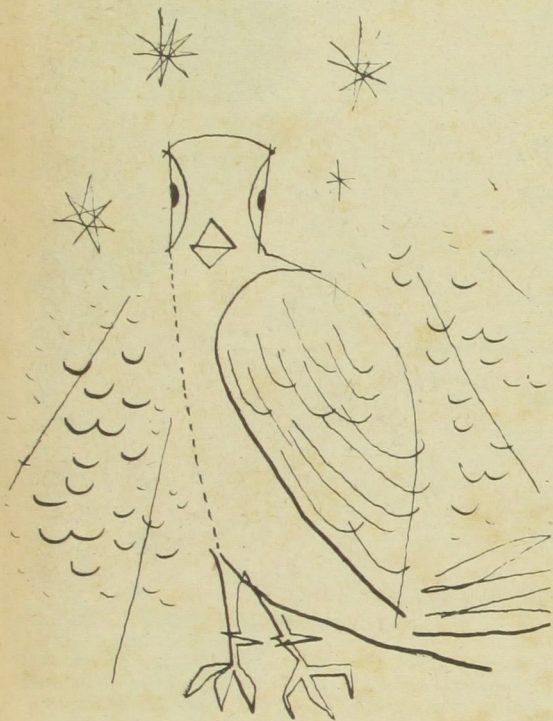
Meus amigos. Ontem, no começo da noite, deixei na porta do "Correio do Povo" um colega que ia trabalhar, e saiu andando a pé, sozinho, pela rua da Praia. Foi lentamente, vendo as pessoas, as vitrinas das lojas, parando à tôa aqui ou ali para olhar uma mulher que passava ou o mostruário de uma livraria. Fui até a rua dr. Flôres; então subi a ladeira e caminhei até a esquina da praça, onde está o prédio em que eu morava. Há 15 anos atrás eu fazia esse trajeto quatro vezes por dia. Era um rapaz magro de 26 anos, e acabara de atravessar a mais dolorosa crise sentimental de minha vida. Não, eu não viera a Pôrto Alegre reorganizar o Partido Comunista, como a polícia pensava ou fingia pensar; mesmo porque nunca fui sequer membro desse partido. Viera como um pobre barco

desmantelado que busca refúgio em um pôrto distante. E ontem, na grande noite azul de lua e de ventos, eu pensava essas coisas e sentia como Pôrto Alegre ficou marcada na minha gratidão e na minha ternura mais íntima. Aqui eu convalesci; tudo aqui me fez bem. Eu tinha, portanto, mais de um motivo para atender ao vosso convite generoso e tão amigo.

Agradeço a vossa lembrança, e se de um parainfo se espera que dê conselhos, eu vos dou apenas um: sede, na imprensa e na vida, fiéis a vós mesmos, e ao vosso sentimento. Já vivi bastante para saber que só vale a pena o que se faz com sinceridade e com amor. Muito obrigado e muitas felicidades".

R. B.

A POESIA É NECESSÁRIA



COTOVIA

MANOEL BANDEIRA

Alô, cotovia!
Por onde andaste?
Aonde voaste,
Que tantas saudades me deixaste?

— Andei onde deu o vento.
Onde foi meu pensamento.
Em sítios que nunca viste,
De um país que não existe...
Voltei, te trouxe a alegria.

— Muito contas, cotovia!
E que outras terras distantes
Visitaste? Dize ao triste.

— Líbia ardente, Cília fria,
Europa, França, Bahia...

— E esqueceste Pernambuco,
Distraída?

— Voei ao Recife, no cais
Pousei na Rua da Aurora.

— Aurora da minha vida,
Que os anos não trazem mais!

Soirée

IBRAHIM SUED



Em um recente jantar, a condessa de Larisch entre os srs. Alvaro Catão e Jorge Guinle, no Copacabana.



Durante um elegante jantar, a sra. Teresa Sousa Campos e o sr. Walder Sarmanho.



A senhorita Nonô Sevê, da nova geração do "society carioca".

● **PRECISAMENTE** há dois anos, surgia neste espaço esta coluna — Soirée. Portanto, hoje estou em festa com champanhota e tudo, brindando os dois anos de existência em MANCHETE, com a satisfação de saber, à medida que esta revista aumenta sua circulação, que esta coluna também aumenta o número de seus leitores, porque está sempre bem informada para transmitir aos seus leitores as novidades da nossa alta sociedade. Sei que é difícil não desagradar a muitos, impossível agradar a todos. Todavia, vou vivendo nesta luta de colunista social, que para muitos deve ser fácil, mas para mim é uma profissão honesta e muito mais difícil do que se pensa. Mas o importante é que eu gosto do meu tarabalho, de viver exclusivamente de "furos" e de informações. Para vocês, um bom Natal e um ano decididamente novo. Para mim, notícia, notícia, notícia "pra chuchu", com champanhota e tudo. Já estou vendo 1955, continuo firme na pista. Depois eu conto.

● **COISAS RÁPIDAS:** O casal Vitor Coelho, simpático como sempre, festejou aniversário de casamento. A srta. Lúcia Cortez inaugurou sua exposição de arranjos de mesas para Natal. Foi uma revolução em material de decoração. A sra. Bia Coutinho afastou-se definitivamente da vida social de São Paulo. Foi para uma fazenda no interior, até as coisas se modificarem... O jovem Osvaldo Vidigal, hoje residente no Rio, considerado um dos melhores partidos paulistas, faz sucesso no Rio, de "cadillac", "Eldorado" e tudo. Dizem que ele tem andado muito pelo setor do Leblon. Será?

● **NO DESFILE, DA CANADÁ,** além do "debut" de dois elegantes manequins, Vera Lage e Pamela Barreto Leite, aconteceu uma linda e elegante exibição de vestidos para verão, e algumas sugestões para presentes de Natal — Visions e tudo. O sr. Jack Pelicks, com sua imaginação criadora, continua mantendo o título de o "ditador da moda" carioca. A senhorita Maria Lúcia Gomes recebeu para um amável jantar. Nova geração funcionando. Em New York, o sr. e sra. Hugo Gouthier recebem para um elegante jantar, o Xá da Pérsia e a Imperatriz Soraya, considerada uma das mulheres mais bonitas do mundo. De malas prontas para o Velho Mundo, seguem o sr. e sra. Joaquim Monteiro de Carvalho em companhia dos filhos.

● **NO PARANÁ,** aconteceu o casamento da senhora Joana d'Arc, filha do sr. e sra. Moysés Lupion. Houve uma grande e elegante recepção com a presença de todo mundo. Na bonita residência do sr. e sra. Eugênio Lage, vai acontecer uma grande festa de "réveillon", (que não é "réveillon", porque é no dia 1.º), organizada por um grupo elegante do nosso "café-society". Dizem que vai ser a festa mais "chic" do ano. Nos salões do Forte de Copacabana, realizou-se a festa promovida por um grupo de senhoras, à frente a primeira dama do país, sra. Jandira Café Filho, para angariar fundos para a construção da igreja Nossa Senhora de Copacabana.

● **O SR. LAURO** Salazar Regueira, um dos bons partidos desta cidade, rompeu o noivado com a jovem argentina. Ela seguiu para Buenos Aires. E por falar nisso, vocês já repararam como elas estão regressando para Buenos Aires? Lamento apenas a dama de preto não ser argentina... Tudo indica que o sr. Francisco Eduardo de Paula Machado anda em uma grande indecisão... "Love". O sr. e sra. Batista do Amaral (Pipa) vão dar uma grande festa para inaugurar seu novo apartamento, decorado pelos irmãos Ramos (Flávio e Marcelo).

● **O PROFESSOR** e sra. Mendes Pimentel festejaram com muita champanhota sessenta e um anos de casados. Uma comemoração exemplar e bonita. A sra. Antônio Azeredo está esperando a visita da cegonha. O futuro herdeiro da senhora em questão já tem um título de sócio do Botafogo. O casal Carlos Sousa Gomes veio em férias de New York. Permaneceu no Rio 15 dias. Quase não saíram. Muita paixão e muita lua de mel. Quem conheceu o sr. Sousa Gomes, que foi um dos grandes boêmios do nosso "café-society", não mais o reconhecerá. Trata-se de um burguês apaixonado. O sr. Ribeiro Martins já está selecionando as futuras elegantes, que disputarão o cobiçado título de "Miss Elegante Bangu" no próximo ano.

● **E HOJE É SÓ.** Ah! antes que eu me esqueça. Já tenho no meu colete alguns nomes dos senhores que figurarão na lista dos dez homens mais elegantes do Brasil, que apresentarei em janeiro, em uma grande reportagem nesta revista, e na minha coluna do "O Globo". Está me dando um trabalho do diabo. Até quinta. Como sempre, contra a Petrobrás e contra a dama de preto.